

“Porque todos os ‘rebeldes’ falam português?” A circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos no exterior, ontem e hoje¹

CARMEN RIAL

Inrodução

Abordo aqui como no futebol, em diferentes espaços históricos e por diferentes agentes, as categorias étnicas e de identidade continental, nacional e regional, têm sido negociadas e manipuladas nos processos de importação de jogadores brasileiros por clubes europeus. Deter-me-ei, sobretudo em algumas características particulares da população de jogadores de futebol sul-americanos que transitam ou transitaram pela Europa, atuando profissionalmente em clubes-globais (Rial 2008)², a partir de uma pesquisa etnográfica realizada com jogadores brasileiros que são celebridades hoje no exterior.

Enquanto profissão, o futebol é altamente excludente. Calcula-se que, no Brasil, de 100 jogadores que atingem a categoria de juniores (a última antes da profissionalização), apenas 1 torne-se profissional, e 90% desses profissionais receberá como pagamento entre 1 e 4 salários mínimos. Dos 10% que sobram, ou seja, que recebem mais de 4 salários mínimos, calculo que apenas 1% transitará pelos grandes centros futebolísticos mundiais, e destes, apenas uns 500 receberão entre 400 mil a 40 milhões de euros anuais. É com essa minoria da minoria que tenho conversado desde 2003, numa etnografia que viaja junto com eles, em países como a Espanha e Holanda especialmente, mas também França, Japão, Canadá, Bélgica, Tunísia, etc.

¹ Muitos colegas têm contribuído para a pesquisa que fundamenta esse artigo com idéias e sugestões. Agradeço particularmente a Mario Bick com quem tenho mantido um diálogo “esportivo” próximo e produtivo. E também a Bela Feldman-Bianco, Ruben Oliven, Arlei Damo, Simone Guedes, Alex Vaz, Gilberto Velho e Roque Laraia que me auxiliaram nessa pesquisa, em diferentes situações. Nenhum deles pode lê-lo, no entanto, o que os isenta de qualquer dos erros aqui cometidos. O CNPq e a Capes, em diferentes momentos, propiciaram os recursos para essa pesquisa, ao que sou grata. Sou reconhecida também à bolsista de Iniciação Científica Natália Tomaz

²Exemplos seriam o Real Madrid, Barcelona, Chelsea, Manchester United, Inter, Milan, etc. Os clubes de cidades de pouco destaque político-econômico como Sevilla, Eindhoven e Munique são bem mais importantes no sistema futebolístico do que Nova York, Paris, Berlim ou Los Angeles. Como as cidades-globais, as cidades globais futebolísticas, são nódulos de fluxos que atravessam fronteiras de Estados-nações, e não mais unidades territoriais localizadas no interior.

Esses *happy fans* são uns cinco mil entre os aproximadamente cinco milhões de brasileiros que vivem hoje no exterior³. Muitos estão vivendo em países marginais do sistema futebolístico mundial, como a Índia ou a Arábia Saudita. A maioria dos que contatei, porém, estavam em grandes clubes e alguns em clubes-globais, e todos aspiravam para eles se dirigirem.

Numa analogia com a categoria de Sassen (1991, 2003) de cidades-globais, diria que os clubes-globais são os que transcenderam as fronteiras de suas cidades, regiões e mesmo do Estado-nação. Os clubes-globais são nódulos de fluxos econômicos, humanos, midiáticos e simbólicos globais. São clubes que tem torcedores espalhados pelo planeta, jogadores provenientes de diferentes lugares do mundo, que estão presentes na mídia em diferentes países, que concentram capital que circula globalmente, que atingem a imaginação de uma população planetária. O sistema futebolístico aqui, como em outras instâncias, antecipa dinâmicas sociais de globalização. A conexão entre futebol e globalização merece atenção não apenas porque o esporte, e particularmente o futebol detém uma centralidade cultural, refletindo aspectos da globalização, mas também impactando e redefinindo usos do termo globalização. Isso posto, devemos reconhecer que a globalização futebolística é formatada, iniciada e também limitada por contextos sociais locais e interações sociais específicas entre o local e o global.

O sistema futebolístico vive hoje na chamada era pós-Bosman, momento de adequação do futebol à demanda capitalista de maior flexibilidade nas relações de trabalho, com a substituição de laços de reciprocidade entre o clube e o jogador por relações capitalistas entre o clube empregador e o empregado jogador. Essa maior ingerência do campo econômico sobre o sistema futebolístico aumentou enormemente a circulação dos jogadores entre os clubes, e fez com que os clubes passassem a atuar numa lógica próxima a de empresas capitalistas, ocorrendo até o surgimento de clubes cujo objetivo central é o lucro econômico, auferido com a venda de jogadores, e não as vitórias no campo esportivo. Com isso, ganham espaço certos mediadores das relações de trabalho, os agentes ou empresários como são chamados no Brasil. No caso da circulação transnacional dos

³ Não existem números oficiais para os brasileiros que vivem no exterior, exceto os que vivem no Japão, pois a grande parte da emigração brasileira ocorre sem as documentações exigidas. Porém, esse não é caso do futebol, onde os registros das saídas e entradas, dos retornos, sempre foram precisos e, desde 2002, amplamente divulgados através do site da CBF (Confederação Brasileira de Futebol, entidade diretamente ligada a FIFA, Federação Internacional de Futebol, organização criada no século XIX e que congrega mais países do que a ONU).

jogadores, esses empresários são credenciados pela FIFA, toda a migração devendo ser obrigatoriamente mediada por eles.

Na era pós-Bosman, o futebol tornou-se uma mercadoria global, o campo futebolístico sujeitando-se a leis da econômica neo-liberal (Bourdieu 1998) e interesses das grandes redes de televisão que actuam no mediascape (Appadurai 1990). Os investimentos do capital privado cresceram, sendo freqüentes as inversões de capitais estrangeiros nos clubes – ainda raras na América do Sul, se comparamos com a Europa. No extremo avançado do sistema futebolístico, que é a Inglaterra, clubes tradicionais foram mesmo comprados por investidores estrangeiros: russos, tailandeses, etc. Uma consequência dessa legislação é a colocação do fator econômico no centro da circulação de jogadores entre países (extinguindo a barreira da origem nacional, que deixa de atuar assim como uma fronteira), com uma grande concentração de talentos nos clubes-globais, atualmente situados na União Européia, que dispõem de maior capital econômico, a ponto de alguns desses clubes terem atuado com equipes compostas exclusivamente por jogadores estrangeiros (caso do Arsenal e do Chelsea).

Os jogadores de futebol que estudo são emigrantes especiais por serem, ao mesmo tempo, força de trabalho e mercadoria (Marx 1978 (1887)): trabalham, concentram em si trabalho de outros e circulam como mercadorias (Bittencourt 2007). Mesmo tratando-se numericamente de um fluxo migratório pouco relevante, essa emigração tem impacto não desprezível no *panorama financeiro* e grande presença no *panorama midiático* (Appadurai 1990). Seus protagonistas principais, os jogadores como Ronaldinho e Ronaldo (como outrora Pelé e Garrincha) estão certamente não apenas entre os brasileiros, mas entre os homens mais conhecidos no mundo. São celebridades, e são pretos. Se a confluência entre ser preto e ser uma celebridade futebolística remonta já ao início do século vinte, por exemplo com o negro José Leandro de Andrade, meio-de-campo do mítica equipe vencedora das Olimpíadas e da Copa do Mundo, nem por isso esses eram os mais cortejados no cenário dos grandes clubes da época.

Negros, presença recente

De fato, se analisarmos os fluxos de jogadores da América do Sul para a Europa, e particularmente de e para o Brasil, constatamos que cresceram enormemente nos últimos anos, mas não são de novos. O mundo descobriu o futebol sul-americano já na década de 20, através das vitórias Uruguaias nas Olimpíadas de Paris e Amsterdam, e depois, na Copa

do Mundo disputada em Montevideu. E se encantou, sobretudo, com um tipo de jogador sul-americano, os *dribladores*, capazes de evitar o choque corporal através de gingas. Suas qualidades estilísticas de jogo foram transportadas para o biológico, naturalizadas, e, em seguida, associadas à raça e à nação. Um jornalista francês presente no evento, Maurice Pefferkorn (1944), escreveu sobre os jogadores uruguaios: “Estamos diante de homens que parecem terem encontrado no futebol uma segunda natureza”. Outro jornalista acrescentou: “Vi diante de mim a revelação de um sonho de futebol. Tinha tudo: facilidade, fineza e inspiração” (Ryswick 1962:45 apud Lanfranchi e Taylor 2001:69). E essa descoberta teve ares de deslumbramento.

O mito associado com os futebolistas sul-americanos, construídos com homens de habilidades corporais especiais e qualidades estéticas remarcáveis, começou então a ser fabricado também da Europa. A Europa, e especialmente a França, atravessava um momento de efervescência cultural e a descoberta do Outro negro se dava em muitas instâncias, o futebol sendo apenas uma delas. “Era a época dos ‘anos loucos’ do *Ballets nègres* e de Josephine Baker em Montparnasse e Carlos Gardel e o tango argentino em Paris.” (Lanfranchi 2001:70), era época em que músicos negros americanos de fox-trot e de jazz band, músicos negros brasileiros de chorinho (Menezes Bastos 2007) e lutadores negros excursionavam pela Europa. E era a época em que antropólogos e artistas excursionavam pela África (Clifford 1988, Grossi 2006).

Na América do Sul, especialmente no Brasil, o futebol muito cedo foi associado imaginariamente aos negros, ainda que na prática, as barreiras a presença de jogadores negros nos clubes tenham levado muito tempo para serem derrubadas. Essa associação deu-se no embate entre diferentes visões da identidade nacional. No Brasil num imaginário que remonta aos séculos coloniais, à escravidão, o uso das negras como amas-de-leite para os brancos, amantes ou/e reprodutoras de força de trabalho escravo tem como contrapartida para os homens também a idéia de um corpo superior (Rial 2007) que se confirma quando se trata de representar o futebol. O negro é visto como um artista no uso do corpo, e vai expressar sua arte em práticas corporais que imaginariamente são associadas: o samba e a futebol. Assim, o futebol no Brasil é visto como negro, aliás, mulato, e isso já aparece na afirmação de Gilberto Freyre:

“Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de futebol, e esse estilo é uma expressão a mais do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, curvas ou em músicas, as técnicas européias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam elas de jogo ou de arquitetura. Porque é um mulatismo nosso – psicologicamente, ser brasileiro é ser

mulato – inimigo do formalismo apolíneo sendo dionisíaco a seu jeito – o grande feito mulato⁴”.

Num parágrafo, Freyre define não apenas o estilo de futebol, mas também do que seria homem brasileiro: ágil, mole, com curvas. O futebol expressaria assim as capacidades físicas imputadas aos pretos desde o tempo do teórico racista Gobineau⁵, mas aqui re-significadas positivamente. A habilidade para a sua prática é no imaginário popular vista como inata - “futebol não se aprende na escola”, “craque já nasce feito”, “tá no sangue” - tão inato quanto à raça dos seus especialistas maiores, os pretos e mulatos.

Essa visão que relaciona sangue, raça, corpo, nação e estilo de jogo é retomada mais recentemente nos escritos antropológicos de Roberto Da Matta, no Brasil. E, de modo mais crítico, aparece desconstruída nos estudos sobre a fabricação do mito de um estilo nacional de Leite Lopes (1994), no Brasil, e de Eduardo Archetti, na Argentina (1998, 1999). Nos dois países, o futebol tem sido intensamente apropriado como chave explicativa de identidades nacionais e associado com ethos nacionalmente localizados e masculinidades particulares.

Da Matta (1982) enfatiza a qualidade moral da “malícia” que se traduz corporalmente em “jogo de cintura” que não se encontraria em nenhum outro futebol, o nosso sendo um futebol menos autoritário, mais artístico. Já Archetti (1999:1), ao analisar as crônicas esportivas da revista *El Gráfico* dos anos 20 e 30, entre as quais se destacam as escritas pelo jornalista Ricardo Lorenzo ‘Borocoto’, vai apontar a fabricação do mito de um futebol *criollo* na Argentina, que não é um estilo “puro”, e sim o resultado de uma hibridização, da mistura dos emigrantes italianos e espanhóis com os índios, presente entre as camadas subalternas. Uma natureza particular associada aos homens determinaria um estilo próprio de se jogar futebol e de expressar a masculinidade. *Criollo* como os cavalos que misturaram seu sangue resultando em uma nova raça, distinta da de puro-sangue europeus, mais resistente, mais forte. Teríamos assim uma essência *criolla*, gaúcha, capaz de fertilizar a essência européia, italiana e espanhola, e produzir novos seres masculinos,

⁴ FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. v.1. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945, p.432

⁵ Joseph Arthur Gobineau, diplomata, escritor e filósofo francês, foi um dos mais importantes teóricos do racismo. Seu livro mais conhecido, “Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas” (1855) foi um dos primeiros trabalhos sobre a eugenia e o racismo no século XIX. Para Gobineau, a mistura de raças era inevitável e levaria a raça humana a graus sempre maiores de degenerescência física e intelectual. Atribui-se a ele a frase: “Não creio que viemos dos maçados, mas creio que vamos nessa direção”. Gobineau esteve no Brasil por apenas um ano, em missão diplomática a mando de Napoleão III, e apesar de ter detestado o país, manteve longa correspondência com D.Pedro II. Embora o imperador não compartilhasse suas idéias racistas, nutria para com o filósofo Francês sentimentos de amizade.

construtos específicos e peculiares, mas não unívocos, machos híbridos no futebol e na nação.

Na Argentina, a partir dos anos 30, o estilo nacional é miticamente construído como superior ao dos seus inventores europeus, numa morte psicanalítica do pai; no Brasil isso esperará mais algum tempo para acontecer.

“O futebol profissional inglês primeiro nos goleia, porém depois, o futebol amador, *criollo* obtém resultados contra o futebol de alto rendimento. Ao menos, no imaginário, porque na realidade não competem. Será um futebol totalmente insular” (Archetti 1999).

Insular, pois ingleses e criollos não se misturavam no início do futebol. E quando isso ocorre, em jogos assistidos por milhares de pessoas, o resultado era previsível. Como as crônicas do jornal inglês *The Standart* trataram de mostrar, os ingleses no início do século venciam sempre porque jogam um *scientific-football* no qual se ressalta a competência do *heading*, da boa utilização do cabecear – atente-se bem a esse detalhe anatômico: a cabeça é a parte do corpo ressaltada como sendo acionada pelos ingleses com maestria e inegável superioridade. Mas essa superioridade não se fixava no órgão da razão: “Tudo é científico: a postura, o corpo, a massagem, o cuidado com o músculo. Vão criando esse imaginário que vai se generalizar” (Archetti 1999).

Do mesmo modo que no Brasil, onde à disciplina e força de vontade dos *ingleses*, opõe-se, ao estilo nacional e ao de masculinidade representado como *individualista, sensível, artístico e baseado na improvisação*. Nos dois países, portanto, é a habilidade, não a força, que marca o futebol *criollo* ou *mestiço* (Leite Lopes 1998), apropriando para o esporte a terminologia racial usada para o resultado de uma mistura de sangues.

Já houve tentativas de se explicar historicamente a preferência das camadas subalternas de então pelos dribles sobre o contato físico, como sendo uma estratégia de resistência dos pretos e mulatos quando dos raros confrontos com equipes de homens brancos. Dado o alto grau de racismo e as previsíveis punições em caso de se atingir fisicamente um branco, o drible foi o modo encontrado por *criollos* e *mestiços*, pretos e mulatos para evitar a proximidade física durante uma disputa esportiva.

Seja qual for a sua origem, o fato é que esse imaginário de um futebol habilidoso e driblador passa a ter correspondência na Europa. A primeira leva de importação de jogadores, a partir dos anos 30, o será composta massivamente por jogadores habilidosos, criadores, e não pelos mais fortes.

“A quem importa a Europa? Importam os criadores, como sempre foi. Não importam aos *troncos*, as *bestias*. Levaram "insiders" durante um longo período, "insiders", "wings" e "centro-forwards". O único "centro-half" que importaram foi Monti. Durante um longo período se produz somente isso. E chegam ali, na Europa, e a param, a pisam, a distribuem, tem “olhos na nuca”. Os europeus começam a reproduzir o mito. E então isso ajuda a criar o imaginário, o propaga” (Archetti 1999).

Quem é importado pela Europa? A questão pode ser re-colada de um outro modo. Em que categoria social, racial, étnica se buscou os primeiros jogadores aqui para irem atuar na Europa? E a resposta contém uma surpresa. Porque na Argentina, o *criollo* evoca o rural, o gaúcho; no Brasil, o malandro evoca os moradores de favelas de Salvador, Rio Janeiro, e pretos ou mulatos. É interessante notar, no entanto, que foram os jogadores brancos, provenientes do meio urbano, de Buenos Aires e de São Paulo, os que a Europa primeiro importou, a começar por Julio Libonatti, o ítalo-argentino que deixou o New Old's Boys pelo Torino em 1925, constituindo-se na primeira transferência transatlântica de que se tem registro. E continua preferindo.

É preciso deixarmos de lado por hora esse imaginário de um futebolista com qualidades especiais para nos determos em alguns dados demográficos que ajudam a explicar a proveniência social desses primeiros jogadores importados. Dos cinco milhões de emigrantes europeus que estavam no Brasil nos anos 1930, 34% eram de origem italiana. Era uma presença tão significativa que, se diz, que pela metade dos anos 20, havia mais italianos em São Paulo do que em Veneza. A primeira onda de migração de futebolistas brasileiros para a Europa concentrou-se nesse grupo de emigrantes e, mais precisamente, nos jogadores desse grupo de emigrantes que atuavam em apenas um clube paulista: o Palestra Itália. Não era um clube qualquer, esse que veio a ser o atual Palmeiras (Campos 2001).

Nos anos 1930, ele contava com um numeroso contingente de sócios, cinco mil, o que representava um número bem superior às poucas centenas de sócios das Associações Culturais e do Circulo do Partido Fascista. Saíram do Palestra Itália para a Itália quatorze dos vinte e seis jogadores brasileiros registrados como tendo saído do país entre 1929 e 1943 (Lanfranchi e Taylor 2001:81). Eles se dirigiram para a Itália, aproveitando as vantagens de um mercado que pagava salários bem mais vantajosos, e logo ganharam grande visibilidade no cenário futebolístico do país. Era tão grande a presença brasileira na Itália em alguns clubes que a Lazio, por exemplo, era chamada de Brazilazio (Fontenelle 2005).

É importante notar que legalmente, essa não era uma imigração uma vez que os descendentes de italianos eram vistos como *rimpatriati* gozando de direitos plenos de qualquer cidadão italiano. Alguns jogadores mudaram de nome para melhor atender a esse perfil, trocando o apelido ou o primeiro nome com o qual eram conhecidos no Brasil pelo sobrenome, o que ainda hoje ocorre, mas em menor número. Assim Filó tornou-se Guarisi na Itália, sendo o primeiro brasileiro campeão do mundo jogando pela seleção italiana.

Quando o Brasil entra na guerra, Palestra Itália torna-se Palmeiras, desmantela-se a rede de agenciamento das emigrações. De outra parte, nos anos do pós-guerra, as leis regulando o acesso dos jogadores de fora do país mudam na Itália e, em seguida, em outros países europeus. A Federação Italiana passa a restringir, a partir de 1947, a cinco o número de jogadores provenientes de federações estrangeiras que poderiam atuar em um clube, e a três o número dos quais poderiam ser cidadãos estrangeiros (Lanfranchi e Taylor 2001, 90). O constrangimento atinge os sul-americanos descendentes de italianos que, mesmo não sendo vistos como estrangeiros, provem de uma federação estrangeira. De *rimpatriati* os jogadores descendentes de italianos passam a ser considerados *oriundi* (que na Espanha quer dizer originário de), e que poderiam requisitar a cidadania italiana ou espanhola, já não automática. Tínhamos portanto três categorias de jogadores: nacionais, *oriundi* e estrangeiros, e os *oriundi* estavam mais próximos dos estrangeiros do que dos nacionais. Tanto é assim que a partir de 1949, a Liga Italiana de Futebol os iguala limitando a presença nos clubes de apenas três jogadores de Federações estrangeiras, sejam estrangeiros ou *oriundi*.

Outra mudança significativa nas relações de venda do Brasil para a Itália concerneu o clube de origem do jogador exportado. Essa era uma migração que já não partia de um clube apenas, os 35 jogadores recrutados no Brasil pelos clubes italianos entre 1949 e 1964 saíram de 13 diferentes clubes brasileiros, todos localizados no Rio (Botafogo) e em São Paulo (Palmeiras, Santos e Portuguesa).

As legislações são nacionais e dependem das Federações tanto quanto das leis do país. Nos anos 70, Espanha fechou fronteiras para imigrantes, mas não para *oriundi*, esses deveriam agora não apenas ter pais espanhóis, mas também não ter atuando pelas seleções nacionais do seu país de nascimento. A partir de 1973, se libera para dois estrangeiros por equipe. Na França limitou-se a dois jogadores estrangeiros por equipe ao longo dos anos 70 e 80, o que impediu um forte fluxo migratório (Lanfranchi e Taylor 2001).

Rimpatriati ou *oriundi*, eram todos brancos. Os jogadores negros só começaram a ser importados pelos clubes europeus depois das vitórias brasileiras nas Copas de 1958 e

1962, e como resultado do sucesso de Pelé⁶. Jogadores negros então passaram a atuar também na Espanha e na França⁷. Didi atuou no Real Madrid nos anos 50, já com 32 anos, uma temporada frustrada, onde não se entendeu com os ídolos brancos Puskas e Di Stefano⁸. A razão da continuidade desse fluxo alicerçava-se, do lado europeu, na crença de que só entre os sul-americanos encontrariam um futebol habilidoso, e do lado dos jogadores, nos ganhos monetários. Já então as diferenças salariais já eram abismais: Pepe Schiaffino, o melhor jogador uruguaio dos anos 50, ganhou três vezes mais ao se transferir para o Milan em 1954, e seu salário correspondia a sete vezes mais do que recebia Didi, o mais alto salário no Brasil.

É importante notar, como faz o trabalho do Vabre (2008) analisando as imagens e textos da revista *O Cruzeiro*, que também no Brasil é a partir dos anos 1960 que os negros ganham espaço no futebol, pois antes estiveram excluídos da prática institucionalizada durante várias décadas. Os poucos negros na seleção em 1950 foram acusados de indolência, falta de capacidades morais e culpados pela derrota nos anos 1950 e 1954. Em 1958, o lema do chefe da delegação brasileira na Suécia, o legendário Paulo Machado de Carvalho, ainda era “antes do jogador, vem o homem” o que na época traduzia as restrições a comportamentos tidos como desviantes, caso que Garrincha ilustra soberbamente (Leite Lopes 1998). Sabe-se que Pelé e Garrincha ingressaram na equipe principal pela demanda dos outros jogadores, pois a comissão técnica, seguindo o diagnóstico do psicólogo da delegação, não os considerava aptos.

A viagem, já apontava Lévi-Strauss (s/d), é deslocamento geográfico, mas é também deslocamento na hierarquia social e nesse caso, o deslocamento na hierarquia racial. Brancos (ou moreninhos no Brasil) são negros na França, Alemanha, Holanda, e podem sofrer com gritos de “macacos” da parte de torcedores que, como sabemos, não raramente expressam racismo e homofobia⁹. A maior parte dos jogadores que entrevistei,

⁶ Amarildo transferiu-se do Botafogo para o Milan; Cane do Olaria para o Nápoles; Jair, da Portuguesa para o Inter; Nenê, do Santos para o Juventus e Germano do Flamengo para o Milan.

⁷ Brandãozinho jogou no Cannes, Mônaco e Nice, entre 1952 e 1957. Yeso Amalfi jogou na França.

⁸ Di Stefano, hoje tido como “o melhor jogador do mundo” pelos torcedores do Madri e assim apresentado no Museu do estádio Santiago Bernabeu, é um bom exemplo desses trânsitos migratórios multiculturais: seus avós eram de quatro diferentes nacionalidades: da Itália, Argentina, França e Inglaterra.

⁹ É interessante notar as ambigüidades presentes no sistema futebolístico, ao mesmo tempo espaço para manifestações racistas, freqüentes nos estádios em países como Rússia, Itália, Espanha, mas um dos maiores veiculadores de denúncia desse racismo, através de campanhas de grande visibilidade midiática. Já a homofobia, freqüentemente presente nos gritos dos torcedores em relação ao árbitro e a torcida adversa, tem recebido menos visibilidade midiática e desconheço a existência de campanhas oficiais contra essa expressão de preconceito.

porem, não se viam como pretos e ficariam certamente chocados em saber que são vistos assim nos países europeus onde atuam. Lembro de ter perguntado sobre racismo a um jogador e ele responder: “existe sim, meu irmão que é negro sofre muito”, ele mesmo não se considerando preto.

Branco ou não, o fato é que depois da grande evasão das primeiras décadas do século vinte, as saídas de jogadores brasileiros para a Europa parecem ter decrescido consideravelmente, em parte pelas mudanças na regras das Federações nacionais que tornaram essa migração mais difícil e em alguns casos impossíveis, como para centros futebolísticos importantes como a França e a Espanha, que fecharam suas fronteiras em 1962, e a Itália, que fechou suas fronteiras em 1966. No caso da Espanha, porém, esse fechamento tinha uma exceção, os *oriundi* podiam ser importados. Só que agora a ascendência espanhola não era o único critério, pois para um jogador ser considerado *oriundi* não poderia ter atuado pela seleção do país de origem. Espanha que a partir de 1973 permitiu a presença de dois estrangeiros em cada clube. Também foi crucial para a diminuição das importações a decisão da FIFA em 1964 de proibir a participação de um jogador em mais de uma seleção nacional.

O fechamento de fronteiras de centros futebolísticos importadores teve impacto sobre o fluxo migratório porem não parece ter alterado o imaginário europeu que relacionava os jogadores sul-americanos com o futebol mais bonito de se ver jogar, de dribles. Não se conhece os dados exatos do fluxo migratório da América do Sul para a Europa na década de 1960 e 1970, essas saídas teriam de ser pesquisadas, mas um quadro elaborado por Fontan (1963) mostra que eram apenas cem os jogadores brasileiros atuando no exterior em 1963, oitenta e quatro deles nas divisões principais, sendo 32 na América e os restantes na Europa: 21 em Portugal, 18 na Itália, 12 na Espanha, 1 na França e 1 na Áustria. Um número bem menor do que o de argentinos, e essa tendência permanece nas décadas seguintes, onde só estabelecerão uma presença numericamente significativa em Portugal¹⁰. Nos anos recentes, os números voltaram a indicar uma preferência pelos brasileiros. Não dispomos de estatísticas on-line da AFA como temos da CBF, de modo que a comparação torna-se difícil e inexata. Segundo pesquisa do antropólogo Matias

¹⁰ Segundo um quadro elaborado por partir da consulta a Almanques Europeus, na temporada de 1980/1981 tínhamos na Europa: Áustria (2 uruguaios), Bélgica (2 argentinos, 5 brasileiros, 1 chileno e 1 peruano), Inglaterra (4 argentinos e 1 uruguaio), França (12 argentinos, 2 brasileiros e 4 uruguaios), Alemanha Ocidental (1 brasileiro), Grécia (8 argentinos, 1 brasileiro e 1 peruano), Itália (2 argentinos, 4 brasileiros) Portugal (19 brasileiros e 1 paraguaio), Espanha (39 argentinos, 4 brasileiros, 15 paraguaios e 10 uruguaios), Suíça (1 brasileiro). Cf. Lanfranchi e Taylor 2001:102.

Gódio, em 2005, saíram dos clubes da primeira divisão do futebol argentino para o exterior um total de 127 jogadores e retornaram ao país 102 jogadores. “Tanto da Argentina para o exterior, como o inverso, quase 60% dos jogadores são negociados no mercado latinoamericano. O principal comprador de jogadores argentinos na Europa é a Espanha, com 18 jogadores em 2005, e na América é o México, com 26 jogadores em 2005” (Gódio 2007).

A ainda que tenham se multiplicado por centenas (em 1980/1981 eram apenas 27 os brasileiros na Europa; em 2007/2008, transferiram-se para a Europa 658 jogadores brasileiros), Portugal continuou sendo o país que lidera, e com folga, a atração dos jogadores brasileiros na Europa, com cerca de 30% do total das transferências entre 2002 e 2008¹¹, o segundo lugar variando a cada ano entre Espanha, França, Croácia ou Itália e ficando com não mais de 7%. Na América, é o rico futebol Mexicano o que mais atrai brasileiros.

“Preguiçosos e peseteros”

Assim como é difícil pensar em termos de Europa quando se trata deste fluxo migratório que se concentra em apenas alguns centros futebolísticos, também é duvidoso o uso da categoria mais abrangente de sulamericano para identificar, atualmente, esses jogadores. Os argentinos a partir dos anos 70 perderam parte de sua notoriedade dada a repercussão negativa da violência relacionada a alguns de seus clubes, sobretudo o River Plate (Gódio 2008). Os brasileiros mantiveram intacta a popularidade, contudo, à bela imagem de futebolistas com habilidades naturais privilegiadas desde o início não apresentou (e continuam a não apresentar) correspondência nas avaliações dos seus comportamentos morais.

Já em meados dos anos 30 encontramos matérias de jornais com críticas ácidas as condutas de jogadores sul-americanos fora-de-campo: “Estamos cansados desses ‘italianos’ que não falam Italiano, não assistem os jogos de suas equipes. Pode parecer xenofobia, mas preferimos produtos nacionais” escreve um jornalista citado por Leite Lopes. Essas acusações não eram na Itália dirigidas exclusivamente aos brasileiros, como lemos nesse trecho da revista esportiva *Miroir Sprint* de 15 de fevereiro de 1960, onde os argentinos

¹¹ Dados elaborados a partir do site CBF, disponível em <http://www.cbf.com.br/>.

Sivori, Balão de Ouro em 1961, e seu compatriata Libonatti são representados como excêntricos e preguiçosos:

“As anedotas relacionadas com Sivori são ricas e diversas, ainda que ele não fosse dado a tantos excessos quanto Libonatti, que costumava comprar vinte e cinco camisas de uma vez, ou Cesarini que um dia chegou para o treino vestindo apenas um ropão. Em geral, os *oriundi* são extravagantes. Antes de cada partida, Sivori aposta com Agnelli, diretor da Juventus e também da FIAT: se faz um gol, pode fumar um cigarro tão logo volte para o vestiário. Se não, o diretor é quem acende o seu cigarro. Sivori é preguiçoso. Ele gosta de dormir até o meio-dia. Ele já perdeu treinos mais de uma vez e teve que ser acordado para aprontar-se para jogos” (Apud Lanfranchi e Taylor 2001:93).

A falta aos treinos, o dormir até ao meio-dia presentes nos anos 1920/30 de Libonatti, retomadas nos anos 1960 com Sivori, ecoam as reprimendas constrangidas que ouvi dos holandeses em relação a um brasileiro legendário lá, Romário, no PSV Eindhoven entre 1988 e 1993, em que o clube viu-se obrigado a flexibilizar as normas, pois não podia punir reiteradamente o goleador da equipe, o jogador que decidia partidas e campeonatos.

Dois episódios recentes envolvendo jogadores em atividade no Real Madrid, ajudam a visualizar bem o preconceito em relação aos brasileiros. O primeiro, que numa apropriação curiosa de uma categoria antropológica chegou a ser designado pela imprensa espanholada como “clan brasileiro”, ocorreu em um momento em que este clube-global contava com a presença de um técnico e de cinco jogadores brasileiros, a saber, Roberto Carlos, Ronaldo, Júlio Batista, Robinho e Cicinho. Esses jogadores passaram a comemorar os seus golos com coreografias ensaiadas no vestuário e da qual os outros jogadores da equipe se sentiam excluídos. Essas danças e acrobacias tiveram bastante destaque na imprensa e, se inicialmente foram saudadas como engraçadas e divertidas, em seguida passaram a ser representadas como uma tentativa de formação de um clã brasileiro, recebendo comentários azedos de jornalistas, colunistas, jogadores e fãs do clube. Na matéria intitulada “A dança da discórdia”, um jornalista do *El País*, relatou assim a polêmica comemoração:

“Em um vestiário em que um treinador e quatro ajudantes brasileiros impõem as regras, o poder de Roberto Carlos, Ronaldo, Baptista e Robinho é cada vez mais evidente. A dança do sapo, portanto, é uma exibição de poder a qual os demais jogadores assistem desconfiados. Os espanhóis não vivem uma época prospera no clube: Raúl está cansado de tentar liderar uma equipe na qual a cada temporada se contratam mais competidores, Casillas continua sem renovar, Helguera pensa que não o querem, Salgado joga ameaçado pela sombra de Cicinho, e Guti tem a desconfiança do treinador, Vanderlei Luxemburgo. Éste foi padriño de

Roberto Carlos em seu casamento. A Ronaldo não lhe falta a força: seu amigo e Florentino Pérez. Fontes do clube asseguram que o presidente não gosta dessas pantomimas, mas prefere deixar a água correr. Não quer perturbar Ronaldo com algo que não é considerado um problema grave” Torres (2005).

O editor chefe da seção Real Madrid do jornal *Marca*, José Félix Díez ecoou as críticas, declarando: “A divisão era clara. O melhor exemplo foi a besteira da comemoração da barata (jogadores imitando baratas, deitados de braços, mexendo pernas e braços).” O zagueiro espanhol Helguera, numa demonstração rara entre jogadores, confirmou o incômodo causado entre os outros jogadores da equipe pelo brasileiros: “Não parece que jogam em equipe. Isso de comemorar gols só entre eles é uma falta de respeito ao time porque, quando um marca um gol, o gol é do Real Madrid, é do time todo. O clã prejudica o time”, disse o zagueiro¹².

O clã não teve uma duração muito longa, e uma vez demitido o técnico Luxemburgo, os outros jogadores foram saindo um a um. O último a sair, Robinho, que forçou sua venda para o Manchester City pela soma mais elevada dos últimos anos, contra o vontade do técnico e dos dirigentes, foi o estopim de outro momento de pesadas manifestações contra o jogador e os brasileiros de modo geral. As reações dos espanhóis registradas no site do jornal *Marca* deixam perceber as representações negativas que cercam hoje a identidade de brasileiro na Espanha.

“Que as equipes espanholas pensem um pouco na hora de contratar brasileiros. Se olham para as contratações realizadas na Europa, verão que crianças malcriadas são, exceto algum caso estanho”.

Os brasileiros, a longo prazo sempre causam problemas na equipe em que estão. Eles vem para ganhar dinheiro e não ligam para as cores (do clube)”

“Menos samba e mais trabalhar”

“O brasileiro tem talento para estar na equipe branca, quiça lhe falte a força mental e o compromisso que requer o clube esportivo mais importante de todos os tempos”.

“Veio como PELÉ e saiu como BATATA e ainda quer cobrar como estrela. Fora com essas crianças que vem do Brasil, que se creem deus e não são ninguém, fora, fora. Robinho de Sousa. Ah, como tremem os tornozelos dos brasileiros????”

"O Madrid recebe o seu próprio remédio, de modo que não me dá pena, mas é vergonhoso o comportamento desses mercenários do futebol, assinando contratos colar hipermillionarios para chutar uma bola e, em seguida, nada de cumprir-los. Malcriados. "

"Porque todos os " rebeldes "falam português? e porque não dizer que quase sempre são brasileiros? (Alves, Robinho, Ronaldinho, este últimos

¹² http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2005/12/051205_luxemburgoms.shtml

no ano passado, mas tb Rivaldo, Ronaldo, Romário ...) e nada, essas equipes continuam contratando estes joinhas. "

"Todos os jogadores são mercenários... gente como Raul ou Puyol restam muito poucas ... e mais ainda brasileiros, que seria capaz de vender sua mãe por dinheiro ... robinho = mercenário e dinherista (pesetero)"

"Estamos falando de uma criancinha e, além disso brasileiro."

"És um carioca ingrato + q se cre especial porque deram destaque a tua habilidade de fazer 14 bicicletas seguidas.¹³

Os textos são eloqüentes: os brasileiros são mercenários, rebeldes, covardes, infantis. Outra idéia recorrente entre os comentários dos torcedores, é a de que o clube espanhol os tenha salvo da miséria no Brasil.

"Reconheça Robinho, és um dinherista (pesetero) e é isso !!!!! Você acha que é o melhor e não és mais do que um jogador a mais!! como podes criticar ao clube que te matou a fome? Os mal-nascidos como você, como quase todos os brasileiros que vêm dinheiro , de acordo com desmadras e só se dedicam a sair para festas e não a render em campo. Dinheristas!!! (Peseteros !!!!!)"

"O Madrid te deu de comer e te deu um nome na Europa, não acho que deverias cagar no prato de comida de quem te deu o quê comer, o que você queria era o seu dinheiro e ponto"

"O Madrid te tirou da miséria quando estavas na pior, com o seqüestro de sua mãe e tudo isso".

Os comentários dos torcedores não encontram apoio nos fatos pois a maior parte dos jogadores atualmente nos grandes clubes europeus foram contratados quando já tinham uma posição solidamente estabelecida no Brasil, ainda que não recebessem os salários milionários que obtém nos clubes-globais:

Nem Europa, nem Sulamericanos - identidades nacionais e regionais

Se é verdade que até décadas recentes os jogadores sul-americanos eram vistos como formando um grupo indistinto e censurados em bloco pelas possíveis esquisitices, com o tempo, algumas origens étnicas passaram a ser representadas como piores do que outras. Assim, essa identidade mais coletiva e englobante de jogador sulamericano foi sobrepujada pelas identidades nacionais. E os brasileiros passaram a liderar o ranking dos *bad-boys*, na visão dos torcedores, jornalistas e dirigentes, sobretudo na Espanha.

¹³ <http://app5.marca.com/Servicios/ComentariosNoticias/Controlador>

Robinho recebeu críticas também no Brasil, por forçar sua saída do clube madrileno estando um contrato em vigor. Em sua defesa, contudo, é preciso reconhecer que o salário de menos de 3 milhões de euros que recebia representava metade do salário de outros jogadores espanhóis da equipe, como Guti e Raul, que não tinham e não têm uma importância comparável no campo futebolístico mas que detinham e detêm posições de domínio político no clube. Não obstante, para além do episódio dessa ruptura entre clube e jogador, as milhares de reações acusatórias ao jogador e extensivas a todos os jogadores brasileiros, escritas com paixão pelos torcedores nos blogs dos jornais que reservam espaço para comentários, revelam a desvalorização histórica dos brasileiros no Real Madrid. E mostraram também os limites da identidade de sul-americano na Espanha.

Contrariamente aos Argentinos, que mereciam uma atenção especial desde os tempos do fascismo franquista, ecoando um imaginário imperial na relação com as ex-colônias, os brasileiros sempre foram admirados pelo seu talento no futebol, mas vistos com desconfiança quanto as suas qualidades pessoais. Ou como bem sintetiza um dos torcedores citados, “com talento, mas sem a força mental e o compromisso” necessários.

O preconceito madrilista não pode ser generalizado para todos os clubes europeus, e mesmo na Espanha, é preciso reconhecer que há clubes considerados mais brazilian-friendly que outros. O Barcelona, por exemplo, o clube catalão que se opõe em tudo ao Real Madrid, opositor do governo franquista ao passo que o Real era um de seus embaixadores, que tem como slogan “mucho más que um club”. Ser brasileiro é uma identidade étnica valorizada positivamente também em vários clubes que visitei na França, Canadá, Japão, Bélgica. Ouvi de um dirigente holandês que o clube tinha pretensões de se destacar num cenário internacional e por isso precisava de jogadores brasileiros: “todos os grandes clubes tem jogadores brasileiros, nós também”. Em outros clubes, ser argentino é melhor cotado; em outros ainda, argentinos, brasileiros, colombianos e etc. continuam sendo englobados por uma identidade comum, a de sul-americano. A identidade étnica parece funcionar como ações em uma bolsa global, com subidas e descidas cíclicas, e, sem que seja oficial, parece existir uma cotação de risco relacionada as essas diferentes etnias que provavelmente tem impacto no valor monetário.

Não disponho de evidências empíricas, mas ousou formular a hipótese de que muitos dos jogadores em atividade na Europa foram importados pelas qualidades de suas performances, mas também pela nacionalidade, cor da pele, nome e região de proveniência também contam. Entre dois jogadores com performance semelhante, será preferido o mais

claro, com um nome mais fácil de ser transformado em marca comercial e com uma nacionalidade com mais tradição no campo futebolístico.

Para além do continente, para além de países, hoje as identidades regionais e as características morais a elas imputadas parecem contar como critério de preferência nas importações, em quem a Europa importa. A esse respeito cabe lembrar o curioso e-mail que recebi de um dirigente de um clube holandês, que me colocou diante de uma situação inédita como antropóloga: a de conselheira. Ele escreve:

“ Cara Carmem,
Tudo bem? Eu só queria agradecer por todos os conselhos que me destes, quando conversamos. Foi muito útil para nós. Tenho uma outra questão, se me permite, para qual eu poderia usar um conselho seu. Estamos prestes a assinar com um jovem jogador brasileiro do estado da Bahia. Ouvimos dizer que os jogadores a desta área, em geral, têm muito mais dificuldades em ter sucesso no estrangeiro do que os cariocas e os paulistas. Diria que há alguma verdade nisto? Você teria sugestões sobre a melhor forma de se aproximar dele, ganhar sua confiança e ajudá-lo a ter sucesso? O garoto de quem estamos falando parece muito tímido, quase desconfiado. Ele vem de uma família desestruturada, passou a maior parte de sua juventude na escolinha de futebol de uma das maiores equipes do estado da Bahia. Eu realmente espero que possas ajudar, muito obrigado por enquanto!
Met vriendelijke groet/ Cordialmente¹⁴”

Percebe-se ali que as qualidades negativas associadas aos brasileiros são regionalizadas também, e uma nova hierarquia aparece, correspondendo a hierarquia econômica e social interna ao Brasil: São Paulo e o Rio de Janeiro tendo prioridade sobre o nordeste.

Considerações Finais

¹⁴ “I just wanted to thank you for all the advice you gave me when we spoke. It was very useful for us. I have another question, if I may, that I could use your advice on. We are about to sign a young Brazilian player from the state of Bahia. We have heard that players from this area in general have a lot more problems in succeeding abroad than Cariocas or Paulistas. Would you say there is truth in this? And would you happen to have suggestions in the best way of approaching him, winning his trust and helping him succeed? The kid we are talking about seems very shy, suspicious almost. He comes from a broken family and has spent most of his youth in the youth academy of one of the bigger teams in Bahia. I really hope you can help, thanks a lot for now! Met vriendelijke groet / Kind regards”

Se analisássemos, em uma visão panorâmica, a imigração de jogadores brasileiros desde os anos 30 comparando-a com a imigração dos jogadores provenientes da Argentina e do Uruguai, teríamos que reconhecer que a dos brasileiros foi menos bem sucedida e permaneceu marginal até décadas recentes. Os motivos apontados para esse insucesso são os mesmos que encontrei entre os jogadores no exterior que não resistiram ao sofrimento do exílio e retornaram ao país: saudade do Brasil e inverno europeu muito rigoroso. Do ponto de vista dos clubes, isso era visto como desinteresse - desinteresse em aprender a língua, em socializar com outros jogadores locais - e como uma tendência a formação de clãs, o que levava a tensões nos vestiários e acirrava rivalidades.

Porém, uma visão mais de perto dificilmente permitiria se pensar a Europa tendo uma unidade na sua representação dos jogadores estrangeiros. O que é a contrapartida das representações que tem os jogadores brasileiros dos diferentes países, principalmente, dos diferentes clubes europeus (Rial 2008). Mas isso já seria tema para um outro artigo.

Referências Bibliográficas

- Appadurai, Arjun. 1990. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. In: *Global Culture*, org. Featherstone, Mike, 295-310. Londres: Sage Publications.
- Araújo, José Renato de Campos. 2000. *Imigração e Futebol: O caso Palestra Itália*. São Paulo: Fapesp/editora Sumaré.
- Archetti, Eduardo P. 1998. Le football et le tango dans l'imaginaire argentin. *Société & Représentations* 7: 117-27.
- Archetti, Eduardo P. 1999. *Masculinities. Football, Polo and the Tango in Argentina*. Oxford/New York: Berg
- Bitencourt, Fernando. 2007. Simmel e o Futebol: da comunidade de afeto à equivalência abstrata do dinheiro. Comunicação apresentada na VII Reunião de Antropologia do Mercosul, 26-27 julho, UFRGS, Porto Alegre.
- Bourdieu, Pierre. 1998. L'État, l'économie et le sport. *Société & Représentations* 7.
- Camargo, Wagner X. de. 2008. Masculinidades queer em disputa: Etnografia de competições Gays em Eventos Globais. Texto de qualificação do doutorado. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Clifford, James e Gerge Marcus. 1988. *The Predicament of Culture: Twentieth Century Ethnography, Literature, and Art*. Cambridge: Harvard UP.
- Da Matta, Roberto. 1982. *Universo do Futebol. Esporte e sociedade brasileira*. RJ: Pinakotheke.
- Frydenberg, Julio David e Giano, Roberto Di. 2000. *El fútbol de la Argentina. Aproximaciones desde las ciencias sociales (II)*. Entrevista a Eduardo Archetti em <http://www.efdeportes.com/efd22/archett.htm> consultado 27.11.2008
- Fontan, Alain. 1963. *Divin Football Brésilien*. Paris: Table Ronde.

- Fontenelle, Airton. 1988. Tutto Brasileiro In: *Jornal de Fortaleza* 31 de agosto.
- Gódio, Matias. 2007. *Relatório de Visita à AFA*. Fotocópia, 2 pp.
- Gódio, Matias. 2008. "Las representations del fútbol en el context de las violencias argentinas". *Imaginário Cultural*, 29 de julho.
- Grossi, Miriam, Antônio Motta e Julie Cavignac. 2006. *A antropologia Francesa no século XX*. Recife: Massangana.
- Lanfranchi, Pierre e Matthew Taylos. 2001. *Moving with the ball*. Oxford/New York: Berg.
- Leite Lopes, J. S. ; Maresca, S . 1992. A Morte da 'Alegria do Povo'. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 20: 113-134.
- Leite Lopes, J. S. y Faguer, J-P. 1994. L'invention du style brésilien. Sport, journalisme et politique au Brésil. *Actes de la recherche en sciences sociales* 103: 27-35.
- Leite Lopes, J. 1998. Futebol 'Mestiço' : História de Sucessos e Contradições. *Ciência Hoje* 139: 18-26.
- Lévi-Strauss, Claude. s/d. *Tristes Trópicos*. Lisboa, ed. 70.
- Marx, Karl. 1978 (1887). *Capital. A critique of political Economy*. Vol. 1. Moscou: Progress Publishers.
- Menezes Bastos, Rafael José. 2007. Les Batutas, 1922 Une anthropologie de la nuit parisienne. *Vibrant* 4-1 acessível em www.vibant.org.br
- Pefferkorn, Maurice. 1944. *Football, joie Du monde*. Paris: Susse.
- Sassen, Saskia. 1991. *The Global City. New York, London, Tokyo*. Princeton. Princeton University Press.
- Rial, Carmen. 2007. Estereótipos Raciais e Étnicos na Publicidade Brasileira. In: *Trayectos antropológicos*, org. L. Nicolas Guigou, 149-160. Montevideo: Nordan Comunidad
- Rial, Carmen 2008. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*. 14-30: 11-38. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000200002&lng=es&nrm=iso.
- Ribeiro, Gustavo Lins. 2000. A condição da transnacionalidade.. In: *Cultura e Política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens*, 93-129. Brasília: Ed. Universitária de Brasília.
- Ryswick, Jaques de. 1962. *100 000 heures de football*. Paris: Table Ronde.
- Torres, Diego. 2005. La danza de la discordia - El Madrid da "libertad" a los jugadores para festejar los goles, pero el vestuario está dividido. *El País*, 4 de outubro.
- Vabre, Antonin. 2008. A construção de uma identidade no Brasil através dos jogadores Pelé e Garrincha Simpósio Temático. Comunicação apresentada no *Seminário Internacional Fazendo Gênero* 8, 25-28 de agosto, UFSC, Florianópolis.